

Hermeto Paschoal  
toca de graça no  
Circo Voador

PÁGINA 2



Ruy Castro e um  
olhar carioca  
sobre a II Guerra

PÁGINA 13



O saboroso  
(e imperdível)  
roteiro do pastrami

PÁGINA 14



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Por Affonso Nunes

**A** música brasileira ganha uma nova perspectiva sobre o universo criativo de Egberto Gismonti através do olhar íntimo de sua filha, a pianista Bianca Gismonti. O álbum “Gismonti 70”, que chega ao público após uma gestação de nove anos, representa mais que uma simples homenagem filial – é um diálogo geracional que revela camadas inéditas da obra do compositor. O projeto nasceu em 2017, quando Egberto completou 70 anos, e Bianca decidiu que a maior homenagem seria interpretar as composições paternas, transformando memórias pessoais em música.

“Ser filha de Egberto é receber uma dádiva das energias celestiais. Ser tão próxima dele significa regar esta dádiva a cada dia. Seguir escrevendo a história sonora da família Gismonti nos faz acreditar que o cultivo determina que a raiz e as folhas estejam conversando e florescendo em eternidade. A música do meu pai segue representando a minha certidão de nascimento”, comenta Bianca.

O disco, gravado em Budapeste em 2018, enfrentou os percalços da pandemia que adiarão sua finalização até 2024. Durante esse período, Bianca amadureceu sua visão sobre o repertório paterno, desenvolvendo arranjos que respeitam a essência das composições originais mas imprimem sua personalidade artística. Clássicos como “Palhaço”, “Lôro” e “Maracatú” ganham nova roupagem através do piano, voz e da formação em trio.

O Bianca Gismonti Trio, completado pelo baixista Bruno Repsold e pelo baterista Julio Falavigna, traz uma abordagem jazzística ao repertório. Falavigna, que cresceu tendo Egberto e Hermeto Paschoal como referências criativas, representa uma geração de músicos instrumentais brasileiros que encontrou na obra gismontiana um caminho para a experi-



Bianca Gismonti celebra a obra do pai em novo álbum: ‘Ser filha de Egberto é receber uma dádiva das energias celestiais. Ser tão próxima dele significa regar esta dádiva a cada dia’

# GISMONTI POR GISMONTI

Bianca Gismonti faz o show de lançamento de ‘Gismonti 70’, álbum que traz um novo olhar para a obra de seu pai

mentação. Essa confluência geracional – pai, filha e músicos contemporâneos – cria um ambiente sonoro que dialoga com diferentes momentos da música instrumental brasileira.

A trajetória do álbum espelha as transformações do mercado fonográfico contemporâneo. Lançado pela gravadora húngara Hunnia Records, “Gismonti 70” exemplifica como

projetos autorais encontram caminhos alternativos de produção e distribuição. A versão física, disponível a partir de junho de 2025, convive com o lançamento digital, atendendo tanto ao público colecionador quanto aos novos hábitos de consumo musical.

O show de lançamento amplia o espectro sonoro do trio. Jane Duboc empresta sua

voz experiente ao repertório, enquanto Frank Colón adiciona texturas percussivas.

### SERVIÇO

**BIANCA GISMONTI - GISMONTI 70**

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)  
22/6, às 19h

Paulo Rapoport/Divulgação



A música de Hermeto Paschoal ganhou projeção mundial após sua colaboração com Miles Davis

# O 'Bruxo' está solto

Hermeto Paschoal, o mago dos sons, é a principal atração do Mimo Festival com show gratuito no Circo Voador

Por Affonso Nunes

**A**os 88 anos, Hermeto Paschoal permanece como uma das personalidades mais fascinantes e inclassificáveis da música brasileira contemporânea. Assisti-lo ao vivo é um privilégio para quem ama a música. O compositor e multi-instrumentista alagoano é a principal atração do Mimo Festival nesta quinta-feira, às 22h, no Circo Voador.

Hermeto construiu ao longo de mais de seis décadas uma trajetória artística que desafia categorizações e continua surpreendendo plateias ao redor do mundo. A alcunha de “bruxo” ou “mago” da música não surgiu por acaso. Desde a juventude, o músico demonstrou uma capacidade extraordinária de extrair sonoridades musicais dos objetos mais inusitados do cotidiano. Panelas, garrafas, brinquedos, água corrente e até mesmo o

próprio corpo humano transformam-se em instrumentos musicais sob suas mãos, revelando uma percepção sonora que vai muito além dos limites convencionais da música. Essa habilidade singular de encontrar música onde outros enxergam apenas ruído ou silêncio tornou-se uma das marcas registradas de sua linguagem artística.

O reconhecimento internacional de Hermeto Paschoal ganhou impulso definitivo na década de

1970, quando estabeleceu uma colaboração memorável com Miles Davis, lenda do jazz estadunidense. O trompetista, conhecido por sua personalidade exigente e seletiva, não poupou elogios ao brasileiro, declarando-o “o músico mais impressionante do mundo”. Esse endosso de uma das figuras mais respeitadas do jazz mundial abriu portas importantes para a carreira internacional do alagoano e consolidou sua reputação como um artista movido pela inovação.

A filosofia musical de Hermeto Paschoal fundamenta-se no conceito que ele próprio denomina “música universal”. Essa abor-

dagem privilegia a improvisação e a liberdade criativa como elementos centrais do fazer musical, rejeitando as limitações impostas por gêneros ou escolas estéticas. Em sua concepção, a música deve fluir naturalmente, incorporando influências que vão do forró nordestino ao jazz norte-americano, da música erudita europeia às sonoridades mais experimentais da vanguarda contemporânea. Essa versatilidade permite que sua obra dialogue simultaneamente com tradições musicais distintas, criando sínteses originais que carregam uma brasilidade inconfundível.

A longevidade artística de Hermeto Paschoal impressiona tanto quanto sua criatividade. Próximo de completar 89 anos, o compositor mantém uma energia criativa que desafia as limitações da idade, continuando a compor, arranjar e se apresentar regularmente.

## SERVIÇO

### HERMETO PASCHOAL

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)  
19/6, a partir das 20h  
(abertura dos portões)  
Entrada franca

# União de talentos

A amizade de décadas entre os violonistas Cláudio Jorge e Guinga ganha palco no show “Farinha do Mesmo Saco”, apresentação que leva o mesmo nome do primeiro disco gravado pela dupla. O encontro musical acontece no Leão Etíope do Méier, espaço cultural que desde 2014 transforma a Praça Agripino Grieco em território de resistência e valorização da cultura suburbana carioca. A apresentação integra a programação do Mimo Festival.

Nascidos e criados nos subúrbios do Rio, os dois músicos compartilham não apenas a geografia afetiva, mas também uma

estética refinada que dialoga com as tradições do samba e do choro. Cláudio Jorge, natural do Cachambi, construiu sua trajetória ao lado de nomes fundamentais da música popular brasileira como Nei Lopes e João Nogueira, desenvolvendo um estilo marcado pela verve melódica e precisão rítmica que o consolidaram como um dos violonistas mais respeitados de sua geração. Guinga, por sua vez, nasceu em Madureira e cresceu entre Vila Valqueire e Jacarepaguá, territórios que alimentaram sua sensibilidade musical e se refletem em composições de notável sofisticação harmônica e melódica.



**Claudio Jorge e Guinga: dupla de violonistas celebra amizade e parceria musical em show que revisita memórias do subúrbio carioca**

O repertório do espetáculo combina composições inéditas como “Domingueira” e “Bom bocado” com canções já consagradas do cancionário da dupla, caso de “Minha alma suburbana”

e “Chorando pelos dedos”. Essas obras revelam a capacidade dos compositores de transformar experiências cotidianas do subúrbio em material poético de alta qualidade, fugindo tanto do pitores-

co quanto do estereótipo para construir narrativas musicais que honram a complexidade cultural desses territórios.

O show representa também um momento especial na trajetória dos dois músicos, que construíram linguagens autorais distintas mas complementares. Enquanto Claudio Jorge se notabilizou pela capacidade de transitar entre diferentes gêneros mantendo sempre a elegância melódica, Guinga desenvolveu um estilo violonístico único, caracterizado por harmonias complexas e melodias de rara beleza. (A.N.)

## SERVIÇO

CLAUDIO JORGE E GUINGA - Farinha do Mesmo Saco  
Leão Etíope do Méier (Praça Agripino Grieco)  
21/6, às 21h  
Entrada franca

Divulgação

# Tradição e juventude com vista pro mar

Novo evento estreia no Guanabara com Toninho Geraes, Chico Alves e novos sambistas

A zona sul carioca ganha mais uma opção para os domingos de samba com a estreia do Samba da Marambaia, que acontece neste domingo (22) no Clube Guanabara, na Enseada de Botafogo. O evento nasce da parceria entre Germano Fehr, que durante duas décadas comandou o Traço de União em São Paulo, e Diogo Caliano, conhecido no Rio pelos projetos Quintal da Lapa, Samba da Praça e Samba da Alvorada.



Divulgação

Toninho Geraes e Chico Alves estão entre as atrações do novo projeto

A proposta busca resgatar o formato das rodas tradicionais, apostando na diversidade geracional como diferencial. A programação de estreia exemplifica essa filosofia ao reunir veteranos consagrados e jovens talentos emergentes. Toninho Geraes e Chico Alves,

nomes de peso do samba nacional, dividirão o palco com representantes da nova geração: a dupla Quem Juntou Separa, formada por Douglas Lemos e Hugo Ojuara, e a cantora Gabi Pasche.

A curadoria equilibra experiência e re-

novação. Geraes e Alves trazem décadas de trajetória consolidada, enquanto Douglas Lemos e Hugo Ojuara vêm se destacando em 2025 como compositores promissores do samba carioca. Gabi Pasche representa a força feminina no gênero, sendo reconhecida pelas rodas que comanda na quadra do Cardoso, em Laranjeiras.

O Guanabara, com sua vista privilegiada da Enseada de Botafogo, oferece um cenário diferenciado que dialoga com a tradição náutica carioca. A experiência de Fehr na gestão de espaços culturais paulistas encontra no Rio terreno fértil para expandir o conceito de rodas bem estruturadas.

O formato dominical se insere na tradição carioca dos domingos de samba, buscando criar identidade própria através da vista panorâmica e programação eclética. A estratégia de preços democratiza o acesso, com entrada gratuita até 17h e valor acessível posteriormente.

## SERVIÇO

SAMBA DA MARAMBAIA  
Clube Guanabara (Av. Repórter Nestor Moreira, 42 Enseada de Botafogo)  
22/6, a partir das 15h  
Ingressos: Gratuito até 17h; R\$ 15

## ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



### Correspondência

Totia Meireles estrela nesta sexta (20), às 19h30, no Teatro Rival Petróbras, o espetáculo “Herivelto como conheci”, que revive a história de amor entre o compositor Herivelto Martins e Lurdes Torelly a partir de cartas e telegramas trocados entre 1947 e 1949. A atriz interpreta trechos da correspondência e canta sucessos do artista em performance delicada. Thiago Trajano assina a direção musical.

Jamal/Divulgação



### Noite de hits

Delacruz apresenta a turnê “Vinho” no Vivo Rio neste sábado (21), às 22h, com ingressos já esgotados. O show traz ao palco o repertório do álbum “Vinho”, que soma mais de 60 milhões de streams e entrou no Top 50 do Spotify, no Top 10 do YouTube e no Top 100 da Billboard. No setlist, faixas como “Afrodite”, “Último Romântico” e sucessos de sua carreira, como “Sunshine” e “Sobre Nós”, do projeto Poesia Acústica.

Divulgação



### Nos combates

Nesta quinta-feira (19), às 20h, a cantora, compositora e bandolinista Nilze Carvalho sobe ao palco do Blue Note Rio com o show “Nos Combates da Vida” cujo repertório combina regravações e inéditas, como “Amor Segredo”, parceria com Nei Lopes, “Água de Nascente”, com Silvio Carvalho, e “Nas Minhas Mãos”, com Zeca Leal, além da faixa-título “Nos Combates da Vida”, de Dona Ivone Lara, sua maior influência.

Divulgação



### Voz & violão

Lucas Carlos volta ao Circo Voador nesta sexta (20) reinterpretando grandes momentos da carreira em versões acústicas e com a participação do parceiro de longa data BK. Com violão e percussão, o artista passeia pelas faixas dos álbuns “jovemCARLOS” (2022), “Dois” (2023) e “Busco Romance Love Show” (2024), além de sucessos do EP “UM” (2018) e singles marcantes como “O Que Quiser Fazer”, “Música de Amor Nunca Mais” e “Bilhete 2.0”.

# Celebração da maturidade artística

Terno Rei apresenta no Circo Voador as cações de seu quinto álbum

Por Affonso Nunes

A trajetória de uma década da Terno Rei ganha novo capítulo com o lançamento de “Nenhuma Estrela”, quinto álbum da banda paulistana que se apresenta no Circo Voador neste sábado (21). O show, que marca mais um momento de consolidação do grupo na cena alternativa nacional, terá abertura da paraense Jovens Ateus, em sua estreia no palco sob as lonas da Lapa.

Desde a formação do quarteto composto por Ale Sater na



Fernando Mendes/Divulgação

**Terno Rei: trio paulista é referência da cena independente brasileira**

voz e baixo, Bruno Paschoal e Greg Maya nas guitarras, e Luis Cardoso na bateria, a Terno Rei construiu uma identidade sonora

singular que dialoga com referências do dream pop, pós-punk e rock alternativo. Essa fusão de gêneros, temperada por letras con-

fissionais, situam a banda como uma das principais representantes da música independente brasileira contemporânea.

O novo trabalho surge como resultado de um processo criativo amadurecido, evidenciado pela parceria com o produtor Gustavo Schirmer, colaborador de longa data do grupo, e pela mixagem assinada pelo francês Nicolas Vernhes, profissional reconhecido internacionalmente por trabalhos com artistas como The War on Drugs e Deerhunter. Essa combinação reflete a própria evolução da banda, que mantém suas raízes brasileiras enquanto dialoga com sonoridades globais.

As treze faixas inéditas de “Nenhuma Estrela” revelam um equilíbrio refinado entre elementos românticos e influências que remetem às décadas de 1980 e 1990, período de efervescência do rock

alternativo mundial. A melancolia característica do grupo permanece como fio condutor, mas agora apresenta-se com maior sofisticação composicional e arranjos mais elaborados, demonstrando o crescimento técnico e artístico conquistado ao longo dos anos.

A discografia da Terno Rei, iniciada com “Vigília” em 2014, passou por marcos importantes como “Essa Noite Bateu Como Um Sonho” (2016), “Violeta” (2019) e “Gêmeos” (2022), cada um representando diferentes fases de experimentação e consolidação estética. O álbum atual surge como síntese dessa jornada, apresentando uma banda confiante em sua linguagem musical e capaz de renovar-se sem perder sua essência.

## SERVIÇO

TERNO REI - NENHUMA ESTRELA

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa)

21/6, a partir das 20h

(abertura dos portões)

Ingressos entre R\$ 180 e R\$ 90 (meia) e R\$ 220 e R\$ 110 (meia)

## CRÍTICA / DISCO / ETERNO TALVEZ

# Eternas certezas

Por Aquiles Rique Reis\*

Hoje trataremos de “Eterno Talvez”, o novo álbum da atriz e cantora Marya Bravo. Como fiquei sabendo pelo release de Alexandre Matias, muito bem escrito, por sinal, “Eterno Talvez” é um disco de trip hop (confesso que nunca ouvira falar sobre esta vertente musical).

Marya, que é filha de Zé Rodrix e Lizzie Bravo, volta à música ao lado dos parceiros Nobru e Dony Von. O trabalho reuniu canções dela com seus parceiros, além de uma só sua e outra inédita de Zé Rodrix, “Faca no Peito”, encontrada a partir do contato com a irmã, a também cantora e compositora Barbara Rodrix.

“Eterno Talvez” (Marya e Dony): a intro vem impregnada

de suspense, como que antecipando a atmosfera que traduzirá, daí em diante, o que a música de Marya Bravo significa para ela ao sentir, criar e cantar. E que, num breve intermezzo, serve como respiro para que o ouvinte encontre ali o que vai pela alma de Marya.

“À Deriva” (Marya e Dony e Nobru): a voz dilacera a sonoridade que a acompanha, enquanto os versos explodem entre sons buliçosos e plenos de proposital estranheza.

“Avisei” (Marya e Dony): A intro propala a musicalidade que emprenha o álbum. O espanto se espalha por entre a voz duplicada e o som atrevido da programação digital. A ousadia do canto de Marya suplanta o som inequívoco-



Divulgação

camente preparado para extrair de sua voz uma sedutora alegoria.

“Tudo Por Acaso” (Marya e Dony): o clima musical se ajusta aos versos. O amor, à prova de solidão, soa compartilhando o que precisa ser dito e está escrito.

“Quem É Que Vai” (Marya, Dony e Nobru): o som grave ressoa nas palavras que reverberam

nos aforismos de Marya.

“Braços Abriço” (Marya, Dony e Nobru): a voz chega num arranjo a incitar a imaginação do ouvinte, que se deixa levar ao sabor do cantar, numa sucessão de expectativas contemplativas.

“Ai Quem Dera” (Marya, Dony e Nobru): por meio de sonoridades eletrônicas, os versos assumem a vez de elevar a voz de Marya. Todos se revelando à vontade para levar à frente um ofício harmonioso e libertário.

“Faca No Peito” (Zé Rodrix): chega pela garganta da filha que tem o pai em si e a ele se achega, porque sabe do que precisa e o sente agasalhado em seu viver.

“Loucura Confirmando” (Marya): a introdução reaviva o

simbolismo que Marya deposita em nossos ouvidos. Ela e sua música vão juntas nesta caminhada rumo à consistência autoral.

“Vai Acontecer” (Marya e Nobru): rolando por entre delicadezas eletrônicas, prontas para encerrar o ciclo vital da música que criam, Marya, Nobru, Dony Von, Nayana e Zé Rodrix refletem o que a arte lhes diz ser fundamental.

Resta-me abrir os sentidos e proclamar a criação que acabo de compreender (acho). Ouça o álbum em <https://acesse.one/T5HsA>.

**Ficha técnica:** Nobru e Dony Von: produção; Pedro Garcia: mixagem; Nobru: masterização; produção executiva: Marya Bravo; Nobru, Pedro Garcia e Elton Bozza: gravação; capa e fotos: Léo Aversa.

\*Vocalista do MPB4 e escritor

Por **Cláudia Chaves**

Especial para o Correio da Manhã

**C**ompanhia fundada por Luiz Felipe Reis e Júlia Lund, a Polifônica celebra 10 anos de trajetória com a estreia do espetáculo “Eddy — violência & metamorfose”, baseado em três obras do escritor Édouard Louis — “O Fim de Eddy”, “História da Violência” e “Mudar: Método”. A proposta absolutamente original de reunir, num único espetáculo, publicações distintas do autor teve o aval caloroso do próprio Édouard Louis.

A nova cena artística do século 21 tem revelado uma transformação importante: a emergência de vozes vindas das periferias, favelas e pequenos povoados. São artistas que trazem no corpo e na palavra as marcas da exclusão e, por isso mesmo, uma arte que pulsa com urgência. É nesse contexto que a obra do francês Édouard Louis se destaca. Escritor, sociólogo e filósofo, Louis deixou uma vila operária para estudar na prestigiada École Normale Supérieure, em Paris. Sua literatura, visceral e autobiográfica, tornou-se um fenômeno político e cultural.

Marcelo Grabowsky, co-diretor, conta que o processo criativo começou logo após o espetáculo Amor em Dois Atos. “Fomos profundamente tocados pela escrita de Édouard Louis. Primeiro com O Fim de Eddy, depois com História da Violência, ainda inédito no Brasil na altura. A ideia foi cruzar os dois livros, depois incluímos um terceiro, que aborda tanto a descoberta da sexualidade em um ambiente opressor quanto um episódio traumático vivido por ele em Paris.”

A escrita de Louis é marcada por um fluxo de consciência que ignora regras formais da gramática, como se as palavras escorressem diretamente da alma. Ele transforma sua experiência pessoal em uma denúncia social que reverbera. Como descreve Marcelo, “é uma escrita muito direta, que já parece ter uma voz cênica.



Divulgação

*Os atores João Cortes, Igor Fortunato e Júlia assumem múltiplos papéis, ampliando a dimensão simbólica da narrativa de Édouard Louis*

# A vida como ela é

Companhia Polifônica adapta três livros de Édouard Louis em espetáculo que transforma a dor autobiográfica do autor francês em um ritual coletivo de denúncia e reinvenção

Ele conversa com o leitor de forma crua, honesta, como quem compartilha uma ferida ainda aberta.”

“En finir avec Eddy Bellegueule”, romance de estreia de Louis, foi mais do que uma auto-

biografia: tornou-se um manifesto íntimo. Nele, o autor narra sua infância entre agressões, silêncios e a opressão de uma comunidade marginalizada. A dor individual se transforma em grito coletivo. Esse gesto literário continua em

obras posteriores como História da Violência, Quem Matou Meu Pai e Mudar: Método, sempre com a intenção de desnaturalizar as violências que nos rodeiam.

Na montagem brasileira, Marcelo destaca a importância de trazer para o palco essa dimensão coletiva da obra. “A peça conta com três atores — João Cortes, Igor Fortunato e Júlia — que assumem múltiplos papéis. Isso amplia a dimensão simbólica da narrativa. Eles transitam entre personagens que compõem o entorno de Édouard: o agressor, a irmã, o policial, o marido...”

A estética de Louis encontrou no teatro um terreno fértil. A adaptação de O Fim de Eddy, dirigida na Europa por Jessica Gazon, já havia transformado o romance em polifonia cênica, com quatro atores revezando-se no papel principal. Marcelo e sua companhia seguem essa linha. “O teatro foi um lugar de salvação para o Édouard, e colocá-lo em cena é um gesto de reconhecimento. É sobre como a arte pode transformar alguém. E, ao mes-

mo tempo, como alguém pode transformar a arte.”

O espetáculo também mergulha no confronto de versões presente em História da Violência, onde Louis e sua irmã narram de maneiras distintas um mesmo evento. Essa estrutura dramática cria um embate de memórias e olhares sobre o trauma, aprofundando o debate sobre verdade, representação e subjetividade. “É um conflito dramático muito rico”, diz Marcelo. “E traduz essa urgência de entender o outro lado, de perceber que a violência nunca é apenas um ato isolado, mas um sistema que se impõe sobre os corpos.”

Para Luiz Felipe Reis, cofundador da Polifônica e idealizador do projeto seu interesse pela obra do Édouard surge como desdobramento dessa investigação contínua que vem realizando sobre diferentes modos de violência, sobretudo os que constituem o mundo masculino — seu ethos e psiquismo, as regras e normas das sociedades patriarcais e, sobretudo, do regime totalitário do capital sob o qual estamos todos subjugados.

“Édouard reflete e escreve sobre violência social, política, econômica, cultural, racial, sexual, de gênero, ou seja, sobre inúmeras formas de produção e de circulação da violência, sobre todo um circuito de violência que rege nossos comportamentos e pensamentos, sociais e individuais”, completa Luiz Felipe.

“Tem algo de profundamente transformador nessa transposição. A dor de Édouard vira um ritual de exposição e reinvenção, e nos convida a pensar onde a justiça nunca foi pensada”, destaca Marcelo.

## SERVIÇO

EDDY - VIOLÊNCIA E METAMORFOSE  
Mezanino do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)  
De 19/6 A 13/7, de quinta a domingo (20h30)  
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (associado Sesc)

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**P**renunciado pela literatura há 76 anos, o cataclisma coercitivo do livro “1984”, no qual uma inteligência digital vigia cada pobre diabo deste planeta, ganha novos (e mais alarmados) ecos na arte, em múltiplas mídias, no momento da História em que o ChatGPT e miolos eletrônicos afins passam a substituir gente de carne e osso nas seleções laborais. Os algoritmos de redes sociais que mapeiam nossos desejos sem a nossa demanda ou autorização são uma evidência de que o Grande Irmão (o Big Brother) criado por George Orwell (1903-1950) no romance “Nineteen Eighty-Four” (1949) extrapolou as páginas. Uma série de releituras dessa trama se espalha hoje por diferentes campos de criação, incluindo um dos achados do 78º Festival de Cannes, realizado em maio: o ensaio documental “Orwell: 2+2=5”, do haitiano Raoul Peck.

Indicado ao Oscar por “Eu Não Sou Seu Negro” (2016), o cineasta alarga o conceito de biografia a partir de Orwell e da sua distopia literária para devassar os estratagemas midiáticos para reduzir as mentes pensantes a gado. A palavra ao lado, “gado”, tem ainda mais peso quando se sabe que o romancista em foco escreveu “A Revolução dos Bichos” (1945), no qual um porco chamado Napoleão resolve controlar os demais animais.

No longa de Peck, Orwell é classificado como branco britânico, nascido numa Índia de segregação feroz no seu regime de castas. A escolha dele como eixo é narrativo uma forma de Peck entender como o Velho Mundo instaurou a intolerância como práxis de hierarquização, sem perceber que estava a ser devorado por uma besta faminta que povoou (os EUA) com o intuito de expandir os seus domínios e disseminar as suas línguas.

“Num espelho da manipulação midiática de ‘1984’, os documentários hoje passam por uma nova cilada com o streaming. É verdade que a demanda pelo formato documen-



Gleyka Vieira/Divulgação

# ‘1984’, o ano que chegou para ficar

Filme consagrado em Cannes, montagens teatrais e versão em áudio com Lázaro Ramos dão eco ao alarmismo de George Orwell



Audible/Divulgação

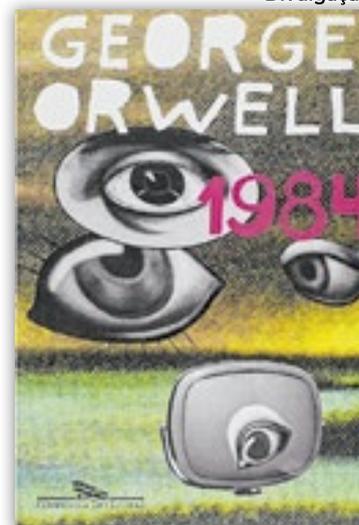
**Alice Carvalho e Lázaro Ramos na adaptação da Audible para ‘1984’**

tal aumentou, mas as plataformas impõem um processo de seleção que se pauta por critérios comer-

ciais”, disse Peck, em entrevista ao Correio da Manhã em Cannes, na feitura de “Orwell: 2+2=5”. “O

**Orwell no palco: cena de ‘2+2=5’, montagem da Agrupação Teatral Amacaca, no palco do CCBB RJ**

Divulgação



**A obra-prima de George Orwell é editada no Brasil pela Companhia das Letras**

que importa na demanda são biografias de celebridades e histórias sobre crimes reais. O documentário que eu faço se pauta pela criação. Eu lido com arquivos, porque meu papel político é recuperar a História”.

No radar do cinema também nas raías da ficção, com o projeto “Nineteen Eighty-Fear”, feito por Andrea D’Agostino, em Roma, “1984” assume como herói Winston, servidor do estado que vive aprisionado numa engrenagem totalitária. Nela, ninguém escapa à vigilância do Grande Irmão, espécie de olho eletrônico gigante. Essa

trama, que conta com boa edição em português pela Cia das Letras, ganhou em abril uma adaptação em áudio com Lázaro Ramos, Alice Carvalho, Mateus Solano e Milhem Cortaz (como o Big Brother). O projeto é da plataforma Audible, da Amazon, e assegura uma imersão devastadora.

No Rio, neste fim de semana, é possível conferir no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) a eletrizante montagem “2+2=5”, vinda de Brasília e articulada pelo ATA – Agrupação Teatral Amacaca, do DF, com Felipe Vidal (um dos estandartes da invenção das artes cênicas cariocas) como diretor convidado. Multimídia, o espetáculo (em cartaz até 29 de junho) bate cabeça para a escrita de Orwell ao manter sua trama na Oceânia, território que engloba a faixa de terra onde havia o Brasil. O toque de Midas da adaptação, escrita pela própria companhia (com um elenco em estado de graça) funde milícia e religiões neopentecostais no domínio do mundo que retratam. Nele, odiar é lei e a matemática não é ciência exata, é cabresto.

“Nós estreamos a peça no festival Cena Contemporânea, de Brasília, em 2023. Nessa época, a questão da cultura do ódio, da formatação de um inimigo a ser atacado e odiado, estava bem evidente”, explica Vidal ao Correio. “O que foi se aprofundando depois foi a questão das inteligências artificiais. Quando a gente chamava o Big Brother de GPT era quase uma piada. Agora, a presença do GPT e a iminência dessas inteligências artificiais tomarem concretamente trabalho das pessoas dão a dimensão do quanto o Orwell foi profético, né? Em alguma medida, a realidade está até superando as profecias do Orwell na distopia. Então, por isso que é importante a gente também ir aos clássicos para tentar não mergulhar nessas distopias de controle totalitário. Foi bastante simbólico a gente estrear essa peça em Brasília, onde estão cada vez mais fortes as arenas de desinformação. Os próprios deputados e senadores têm suas fake news e suas estratégias de criação de inimigos para se perpetuarem ali, no controle”.

# A paz invadiu meu coração

Por Cláudia Chaves  
Especial para o Correio da Manhã

João Bethencourt, o autor, nasceu na Hungria, veio para o Brasil com 10 anos. Formou-se em teatro em Yale junto com Paul Newman, entre outros. João completaria cem anos agora e é o maior comediógrafo brasileiro. “O Dia em que Raptaram o Papa” foi a peça brasileira mais encenada no exterior.

Há momentos em que pensar em rever um texto nos dá aquela sensação: será que vai estragar a impressão positiva que tenho? Rever esse texto é ter certeza de que



Divulgação

O texto de Bethencourt é a peça brasileira mais encenada no exterior

arte de qualidade é sempre premonitória, pois afinal o artista é um vate, a figura grega que via o futuro. João.

A direção firme de sua filha, Christina Bethencourt, resgata a importância do texto, apresentando os conflitos, pois usou o original sem qualquer alteração. Christina conduz seu trabalho com um

elenco equilibrado. Assim, o que poderia ser uma caricatura, libelo, panfleto, é a apresentação de um episódio com os quiproquós que acentuam o humor. Há emoção, torcida pelo final feliz, delineamento dos personagens, vitória dos bons.

Cláudio Mendes, no papel do judeu que sequestra o Papa para pedir justiça so-

cial, usa seus melhores talentos para saltar de um libertário meio atrapalhado a herói. Apresenta a dor da perda do filho sem exageros, e assim personifica o homem simples, o tipo comum, familiar, que acha que pode contribuir para o mundo. Sua performance acentua a mensagem do autor. Um acerto.

O cenário possui engenhosidade. O que se vê quando a cortina abre é um menorá — símbolo da fé judaica — que brilha como um farol de cultura e memória. Os objetos montam um ambiente realista para dar veracidade ao tema. A atualidade do texto está em que, de forma leve, carinhosa mesmo, apresenta à plateia um mundo em que humildade, igualdade, afetos são capazes de acabar com o maniqueísmo que tanto nos dificulta.

## SERVIÇO

O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPA  
Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 – São Conrado) | Até 22/6, sexta e domingo (20h) e sábado (21h)  
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

## NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Jeitinho francês

Nesta sexta-feira (20), às 20h, Paul Cabannes sobe ao palco do Teatro Riachuelo no encerramento da turnê nacional “Alma de Brasileiro”. O comediante francês, radicado no Brasil desde 2015, consolidou-se como fenômeno do standup ao lotar teatros e casas de show pelo país, após o sucesso da estreia com “Parisi-leiro”, que levou mais de 100 mil espectadores. No espetáculo, ele celebra seu vínculo afetivo com o Brasil, abordando com humor expressões, comportamentos e o jeitinho brasileiro.

Divulgação



Igor Cerqueira/Divulgação



### Hora de desacelerar

E se fosse possível desacelerar o tempo? Essa é a provocação de “Velocidade”, do grupo mineiro Quatrolos-cinco – Teatro do Comum, em cartaz no Teatro I do CCBB. A peça se apresenta como um manifesto poético contra a pressa, a urgência e o mundo hiperconectado, propondo uma nova relação com o tempo. Estruturada em formato de livro, a dramaturgia, assinada por Assis Benevenuto e Marcos Coletta e dirigida por Ricardo Alves Jr. e Ítalo Laureano, convida o público a suspender a lógica do imediato por meio de imagens, ruídos, silêncios e lapsos entre o real e o imaginado.

Ezio Philot



### Memórias da drag

Neste sábado (21), às 20h, Suzy Brasil estreia o stand-up “Made in Brasil” no Teatro Riachuelo. Premiada com o Prêmio PRIO de Humor 2023, a drag queen criada por Marcelo Souza reúne em seu novo espetáculo histórias hilárias que atravessam mais de 25 anos de carreira artística e os mais de 40 anos de vida do artista. No palco, Suzy revisita momentos marcantes — da infância às apresentações em boates, salas de aula em presídios, casamentos e até seu dia como “Paquidrag” ao lado de Xuxa —, em um show biográfico musical que mistura humor, música e relatos afetuosos.

**SHOW****BANDA BLACK RIO**

\*Grupo referência da black music desde os anos 1970, o grupo carioca mostra todo seu groove, tocando faixas dos seus aclamados álbuns "Movimento", "Maria Fumaça", "Super Nova Samba Funk". Sáb (21), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

**CAIO PRADO**

\*Acompanhado por um quarteto de músicos, o cantor e compositor apresenta o repertório de seu mais recente trabalho autoral, o álbum "Caio em Ti". Qui (19), às 19h30. Espaço Cultural BNDES (Av. Rep. do Chile, 100 - Centro). Grátis

**YUMI PARK**

\*Virtuosa intérprete da Bossa Nova e do Jazz, a cantora sul-coreana apresenta o projeto "Bossa & Elis". Qui (19), às 21h. Beco das Garrafas (Rua Duvivier, 37 - Copacabana). R\$ 60

**MANEVA**

\*o grupo de reggae relembra seus maiores sucessos em show que celebra duas décadas de carreira. Sex (20), às 20h30. Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo). A partir de R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

**XICOTINHO & SALTO ALTO**

\*A dupla formada por Stella Miranda e Katia Bronstein renova seu repertório eclético, agora com músicas de João Gomes, Tom Waits e Almir Sater. Sex (19), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). Entre R\$ 42 e R\$ 130

**CAMERATA LIETO FINE**

\*O espetáculo "Barroco - do claro ao escuro" reúne música, declamação e teatro, convida os expectadores a uma reflexão sobre esses diferentes sentimentos e estados de alma. Sex (20), às 19h30. Espaço Cultural BNDES (Av. Rep. do Chile, 100 - Centro). Grátis

**LIA PARIS**

\*A cantora e compositora apresenta repertório francês com canções de Edith Piaf, Françoise Hardy, Carla Bruni, Zaz e Bárbara Pravi. Sex (20), às 20h. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

**Banda Black Rio**

# Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação

**TOC TOC****TEATRO****TOC TOC**

\*Seis pessoas com diferentes tipos de TOC, o Transtorno Obsessivo-Compulsivo, aguardam atendimento num consultório, mas o médico não aparece e eles começam a se ajudar uns aos outros. Até 30/6, sex (20h), sáb (18h e 20h) e dom (18h). Teatro dos 4 (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52). R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

**DESERTO**

\*Adaptação da obra do escritor chileno Roberto Bolaño com atuação impecável do ator Renato Livera. Até 29/6, de qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua Sao Joao Batista, 104, Botafogo). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

Lana Pinho/Divulgação



**Maneva**

Divulgação



**Caio Prado**

Junior Mandriola/Divulgação



**Pimentinha - Elis para Crianças**

**É TUDO MENTIRA**

\*Comédia dramática que se passa nos bastidores de uma montagem do clássico "Hamlet", de William Shakespeare, e acompanha a rotina de um grupo de atores lidando com inseguranças, vaidades e a pressão de um patrocínio instável. Até 29/6, qui a dom (19h). Teatro Futuros (Rua Dois de Dezembro, 63 - Flamengo). R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

**A BALEIA**

\*José de Abreu retorna ao teatro nesta montagem brasileira do texto de Samuel Hunter, que ganhou uma adaptação cinematográfica que deu um Oscar a Brandon Fraser. Até 20/7, qui a sáb (20h) e dom (18h). Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Entre R\$ 25 e R\$ 160

Rogério Reis



**Deixa Falar**

Divulgação



**Ancestral: Afro-Américas**

**ECOS INTRUSIVOS**

\*Um grupo de pessoas se encontram presas em um ambiente claustrofóbico e são atormentadas por vozes externas que desafiam suas percepções. Até 27/6, qui e sex (20h). Teatro Gláucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde, s/nº - Copacabana). R\$ 30 e R\$ 15 (meia)

**EXPOSIÇÃO**

**DEIXA FALAR**

\*O renomado fotógrafo Rogério Reis, um dos grandes do profissionais do fotojornalismo brasileiro, retoma sua série premiada de imagens em preto e branco sobre o carnaval de rua carioca. Até 18/7, seg a sex (11h às 19h). Galeria da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 432). Grátis

**LUZ E SOMBRA NO MEU JARDIM**

\*A cultura pop das décadas de 1970 e 1980 inspira a primeira exposição individual de Leo Stuckert, que estreia como artista visual reunindo 19 pinturas inéditas que transitam entre o lúdico e o nostálgico. Até 28/6, ter a sáb (14h às 19h). Galeria Maria de Lourdes Mendes de Almeida (Rua Teixeira de Melo, 31, Ipanema). Grátis

**ANCESTRAL: AFRO-AMÉRICAS**

\*Mostra reúne obras de artistas africanos, brasileiros e dos EUA. Até 12/8, qua a seg (9h às 20h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

**NOTÍCIAS DO BRASIL**

\*As obras apresentam um Brasil popular, por imagens que registram o dia a dia de seus habitantes. Até 30/8, ter a dom (10h às 20h). Sesc Tijuca (R. Barão de Mesquita, 539). Grátis

**PAISAGENS E PESSOAS**

\*Imagens que retratam a chegada de Jean-Baptiste Debret ao Rio: paisagens, representações da indumentária, comida, trabalho e vida social no século XIX. Até 29/9, de qua a seg. CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

**BONECAS DE MEMÓRIA E TRADIÇÃO**

\*Mulheres do Quilombo São José da Serra, de Valença, apresentam sua produção. Até 26/6, de ter a sex (11h às 18h), sáb, dom e fer (15h às 18h). Museu de Folclore Edison Carneiro (Rua do Catete, 179). Grátis

**INFANTIL**

**PIMENTINHA - ELIS REGINA PARA CRIANÇAS**

\*A trajetória de uma das maiores vozes da MPB é contada ao público infantil através da história da menina Lilica, que sonha em brilhar na música. Até 29/6, sáb e dom (16h). EcoVilla Ri Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

**MODELANDO CAMINHOS**

\*Adultos e crianças são convidados a refletir e criar, por meio da modelagem, formas simbólicas de pés e calçados, representando suas próprias histórias e ancestralidades coletivas. Até 1/9. Sáb e fer (15h e 17h), Dom (11h, 15h e 17h). CCBB RJ (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro). Grátis

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**V**ai ter celebração para o Líbano no 78º Festival de Locarno (6 a 16 de agosto), na Suíça, a partir de um tributo para a About Productions, sediada em Beirute e comandada pelo dupla Myriam Sassine e Georges Schoucair. O duo de produtores vai receber o Prêmio Honorário Raimondo Rezzonico em 7 de agosto. Eles conduziram uma série de aclamados longas-metragens sobre a realidade árabe e sobre a vida cultural libanesa. O maior êxito deles é o comovente “Memory Box”, de Joana Hadjithomas e Khalil Joreige. Indicada ao Urso de Ouro na Berlinale de 2021, a produção ganha projeção de gala no evento.

“Myriam e Georges lançaram muitos novos talentos, ajudando a dar uma nova cara ao Líbano, permitindo que aquele país atingisse todo seu potencial no audiovisual, oferecendo um retrato complexo de uma nação, que vai muito além das trivializações da violência da guerra”, diz Giona A. Nazzaro, diretor artístico de Locarno há cinco anos.

Avessa a censuras e vetos políticos, a About Productions tem sustentado uma rede de artistas e cineastas libaneses, além de artistas de outras nações árabes, que, apesar de opressões, lutam para fazer filmes independentes na região. A escolha de “Memory Box” para ilustrar a filmografia dessa produtora assegura a Locarno um filme memorável.

Viver o Líbano dos anos 1980 à flor da pele - entre tiros, bombas, documentos averiguados e baladas roqueiras – ensinou a Maia (Rim Turki), a protagonista de “Memory Box”, que saber esquecer pode ser uma arte quando as cicatrizes que carregamos transcendem o nosso corpo e se remetem à noção de território. O drama de uma mulher que não consegue mais se esconder de si mesmo é um estudo sobre o esquecimento como uma bandeira branca a ser flamulada no combate com nossos fantasmas mais íntimos. A Maia que ela foi lá



# Recordações que rugem

*Viver o Líbano dos anos 1980 entre tiros, bombas, documentos averiguados e baladas roqueiras ensinou a Maia (Rim Turki) que saber esquecer pode ser uma arte em ‘Memory Box’*

Ao celebrar o cinema do Líbano com troféu honorário para a produtora About, o Festival de Locarno devolve às telas o melodrama de tons políticos ‘Memory Box’, que celebra a liberdade e a maternidade

atrás, vivida por Manal Issa numa representação de uma adolescência febril, escolhia tudo pelo desejo. A Maia de agora põe a razão acima das satisfações mais urgentes, preservando sua filha Alex (Paloma Vauthier), a quem criou no Canadá, do que se passou no país de seus ancestrais por conflitos políticos. Se existe a paz, existe a vida, para lhe impor um prazo de validade.

Quando Maia menos espera, caixas com fitas cassetes, fotos, escritos e outros souvenirs libaneses chegam à sua casa, como se para acertarem contas com os vácuos a serem vedados. Essa é a premissa para que o casal de cineastas Joana Hadjithomas e Khalil Joreige promovam uma bem-vinda lanternagem no melodrama, extraindo de uma latária de aparente solidez

sociológica uma medula afetiva de vasos dilatados e veias abertas. Eis que a montadora Tina Baz tem liberdade de sobra para encontrar, em parceria com Joana e Khalil, a trança certa do Ontem com o Hoje, usando vinhetas, animações e muitas conversas regadas aos hormônios que nos agitam dos 15 aos 19 anos. É algo capaz de lembrar “Leto” (“Verão”, 2018), de Kirill Serebrennikov, só que menos estilizado.

Existe um poderoso painel de época em “Memory Box”, construído a partir de experiências similares às que viveu Joana. Temos o Líbano dos primeiros anos da década de 1980 diante de nós mediado por uma subjetividade entre o lirismo e as sombras de uma perda. Maia gozou aquele tempo na plenitude, até que estilhaços simbólicos de uma nação fraturada atingiram seu

lar e as escolhas de seu pai. A educação sentimental dela se deu ali, com uma liberdade que Alex, no fim dos anos 2010, teria medo de provar. Talvez por isso, sua mãe faça de tudo para que ela não vasculhe aquelas caixas, enviadas ao Canadá por uma amiga libanesa. O que ficou em Beirute deve permanecer lá. Mas Alex vislumbra naquela máquina do tempo, em forma de pequenos objetos, uma maneira de construir uma nova conexão com sua mãe, chegando a lugares que esta nunca deixou sua filha entrar.

Locarno vai anunciar os concorrentes ao Leopardo de Ouro no início de julho. É o diretor cambodiano Rithy Pahn quem vai presidir o júri oficial. Já foram anunciadas homenagens às atrizes Lucy Liu e Emma Thomason, ao ator e diretor Jackie Chan e ao cineasta Alexander Payne.

Depois de reinar nas bilheterias em 2024, a Disney dá canseira na concorrência de novo com ‘Lilo & Stitch’ e promete lucrar a rodo com ‘Elio’, apesar do levante da China na animação



‘Elio’, nova sinergia entre a Disney e a Pixar, chega às telas neste feriado com fome de milhões

# Mickey dá as cartas

Marvel Studios

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**L**á se vão 30 anos desde que “Toy Story” oficializou, aos olhos do mundo, o casamento da Pixar com a Disney, assegurando ao estúdio de Mickey Mouse uma usina de produzir sucessos, de infalibilidade altíssima (mas não 100%), como é o caso de “Elio”, que chega às telas no feriado deste Corpus Christi para lotar cada milímetro do circuito exibidor. A direção, a seis mãos, é de Madeline Sharafian, Domee Shi e Adrian Molina, que unem talentos para narrar as confusões estelares de um guri de 11 anos.

O tal Elio do título é transportado galáxia afora e confundido com o embaixador intergaláctico do planeta Terra, enquanto trava amizade com um ser lá dos confins das estrelas. Pensou em “E.T., O Extraterrestre” (1982)? Pois é, o bagulho é nessa linha de afeto e fantasia, binômio que, ao longo da História mantém a empresa de Walt Disney no timão da venda de ingressos em



Novo Quarteto Fantástico é a aposta do estúdio de Mickey para as férias de julho

salas de exibição. Ano passado, ela emplacou quatro longas no top ten dos maiores faturamentos do mercado audiovisual para circuito, sendo três deles com US\$ 1 bilhão de faturamento: “Divertida Mente 2”, o recordista absoluto de 2024, com US\$ 1,6 bilhão de receita; “Deadpool & Wolverine”, com US\$ 1,3 bilhão; e “Moana 2”, com US\$ 1 bilhão e 59 milhões.

Seu quarto acerto, “Mufasa”, sobre o pai do Rei Leão, contabilizou cerca de US\$ 722 milhões.

Seus executivos sonharam com o Oscar animado, mas perderam para “Flow”, da Letônia. Perderam público também por conta do investimento na filosofia woke (de correção política extremada) com o recente “Branca de Neve”. Ainda assim, Mickey deixou as demais megacorporações de Hollywood para trás e pode repetir o feito em 2025.

Antes de “Elio” chegar para renovar a munição da Disney, seu poderio de fogo mostrou-se bem

eficaz com “Lilo & Stitch”, a versão em carne e osso e efeitos visuais para o desenho animado de 2002. Sua renda, até domingo passado, beirava US\$ 860 milhões em todo o planeta. Hoje, que não é Dia Santo (portanto, recesso oficial) nos EUA, novas atualizações de números serão publicadas por portais eletrônicos especializados como o “Box-Office Mojo”, que analisa a economia do cinema. Até o momento, há dois filmes de super-heróis gestados sob a tutoria de Mickey no ranking dos 10 longas mais vistos planetariamente de janeiro até aqui: “Capitão América: Admirável Mundo Novo” (com US\$ 415,1 milhões) e “Thunderbolts\*” (com US\$ 379 milhões). Ambos desapontaram – e muito – as redes de multiplexes (e mais ainda os fãs de HQ) com mudanças estruturais na mitologia da Marvel, motivadas pelo politicamente correto (e por baixa colaboração de cabeças nerds). Ainda assim, levantaram cifras imponentes.

Quem mantém a liderança do ano como filme que mais faturou nos últimos seis meses é um longa da China que investe no mesmo terreno animado (e fantástico) de Mickey: “Nezha: O Renascimento da Alma”. Não tem astro conhecido em seu elenco de vozes, contudo, tem misticismo, ancestralidade e exotismo, coisas que Hollywood ambiciona ter, criando parcerias com cineastas de nacionalidades

estrangeiras ou fazendo remakes de longas originalmente rodados em línguas que não o Inglês. Cercada de magia, a trama filmada pelo diretor Yang Yu, é a continuação de um filme de 2019. Em seu enredo, os espíritos dos jovens Nezha e Ao-bing se salvaram de uma catástrofe, mas seus corpos estão condenados a serem despedaçados. Um objeto sagrado, a lótus de sete cores, pode ajudá-los, só que essa flor é cercada de perigos, o que gera toda a sorte de peripécia na telona para agradar plateias de dentes de leite e de bocas banguela.

Para julho, a Disney volta a acenar para o coração do público com os superpoderes da Marvel, ao lançar “Quarteto Fantástico: Primeiros Passos”, com Pedro Pascal e Vanessa Kirby nos papéis do casal Sue e Reed Richards, às voltas com a entidade Galactus. Os trailers apavoram quem cresceu lendo essa HQ, mas... é aguardar e ver.

Quem quiser entender como se deu a imersão de Mickey na indústria pop deve ler “100 Anos do Império de Disney – Da Avenida Kingswell à Conquista do Universo”, um tijolo que se devora numa piscada d’olhos. O livro é fruto de uma ardorosa pesquisa feita pela crítica de cinema carioca Ana Carolina Garcia, que aborda a saga do estúdio fundado por tio Walt e seu irmão Roy. Já é possível comprar essa pérola literária via Amazon.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**A**nsiado pelo circuito exibidor como um potencial fenômeno comercial, “Superman”, de James Gunn, escalou David Corenswet para viver Clark Kent ciente de que a cinefilia mundial ainda se lembra de Christopher Reeve (1952-2004) quando vê o tímido repórter do Planeta Diário e já ciente de que uma outra figura icônica pode ofuscar o último filho de Krypton na tela: Guy Gardner.

Os primeiros trailers do longa-metragem, previsto para 10 de julho, jogam holofotes sobre uma figura enfezada, com cabelo de cuia e um anel esmeralda no dedo. Nathan Fillion é quem vive essa controversa figura, que ganhou fama entre o público leitor do Brasil nos anos 1980, nas extintas revisitinhas “Superamigos” e “Liga da Justiça”, da editora Abril.

Caberia a ele ser o primeiro Lanterna Verde da Terra se o piloto de jato Hal Jordan não tivesse sido localizado antes dele, transformando esse instrutor de crianças PCDs numa espécie de interino para usar a joia que transforma reles mortais nos Sentinelas Esmeraldas do planeta Oa. Quando Jordan tem problemas, ele recebe também uma das armas de defesa mais poderosa do universo DC, nos quadrinhos, apesar de levar zero em qualquer avaliação de comportamento e de correção política. Seu temperamento irascível fez dele um ímã de fãs, que pode crescer ao Infinito com o longa de Gunn e com a corrida por seus almanaques nas bancas, nas livrarias e nos sites. Uma série de títulos da Panini Comics, em português, assegura a alegria dos fãs nacionais, que já podem recorrer a lojas como Magazine Luiza e Ri-Happy para comprar bonecos de Gardner.

Um dos tesouros quadrinhófilos à venda no site [www.panini.com.br](http://www.panini.com.br) é “Lanternas Verdes: Gladiadores Esmeralda”. Nele, Gardner e seus colegas Kilowog e Arisia exploram os setores desconhecidos da galáxia, determinados a iluminar com sua luz verdejante os cantos mais sombrios dos territórios



Fotos/Divulgação

*O canadense Nathan Fillion dá vida ao último filho de Krypton nas telas. Filme eleva interesse pelos quadrinhos do Lanterna Verde*

# No dia mais claro, na kryptonita mais densa

Imagens do ator Nathan Fillion no trailer de ‘Superman’ no papel de Guy Gardner amplia o interesse do público nerd pelo mais esquentado Lanterna Verde, o que movimenta vendas

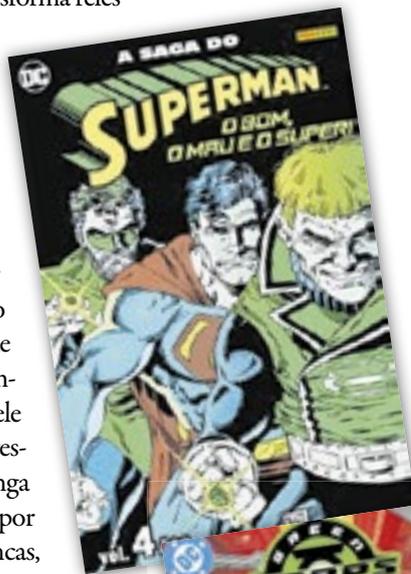
desconhecidos para trazer ordem ao universo. Mas qual seria a missão secreta de Gardner para o maligno Lanterna Vermelho, Atrócitys, que o colocará em conflito com Hal Jordan? Ao longo de 304 páginas, esse tijolo reúne artistas gráficos como Bernard Chang, Daniel HDR, Fernando Pasarin, Peter J. Tomasi e Tony Bedard.

As aventuras narradas por essa turma salpicam informações sobre a origem de Gardner no mercado editorial. Ele foi criado por John Broome e Gil Kane em “Green Lantern (vol. 2)” n° 59, em março de 1968, embora esse ferrabrás tenha sido alterado significativamente na década de 1980 por Steve Englehart e Joe Staton, que o transformaram em uma paródia chauvinista de um americano ultra macho. Esse continua sendo o arquétipo do personagem até hoje. Quando Englehart começou a escrever, John Stewart, um Lanterna associado a lutas antirracistas, era o personagem-título. Englehart inicialmente se perguntou o que impedia que vários Lanternas Verdes estivessem ativos ao mesmo tempo. Com isso, reformulou Gardner, que ganhou ainda mais adesão (e volume de vendas) ao entrar para a Liga da Justiça Internacional,

numa saga de tramas escritas por J.M. DeMatteis e Keith Giffen e ilustradas por Kevin Maguire.

Entre os lançamentos da Panini, corra atrás de “A Saga do Superman – Volume 4: O Bom, o Mau e o Super”. Nela, Kal-El se alia a Gardner para resgatar Hal Jordan nos confins das estrelas, mas as diferenças gritantes entre os ideais de ambos podem causar brigas. Bob McLeod, Dan Jurgens, Jerry Ordway e Roger Stern integram a equipe de criação do álbum.

Nos EUA, à espera de “Superman” estreitar, a DC investe em Gardner como destaque do n° 5 da revista mensal “Green Lantern Corps”. Alimenta ali o lema desse brigão cheio de superpoderes de luz esverdeada: “No dia mais claro, na noite mais densa, o mal sucumbirá ante a minha presença. Aquele que venera o mal há de penar, quando o poder do Lanterna Verde enfrentar”.



# ‘É um livro civil’

Ruy Castro lança na Bienal obra que conta o impacto da Segunda Guerra no Rio

Por Yuri Eiras (Folhapress)

“Como contar uma história que nunca foi contada?”, perguntou Ruy Castro durante mesa de debate na Bienal do Livro na última terça-feira (17). Para “Trincheira Tropical: a Segunda Guerra Mundial no Rio”, livro recém-lançado por ele, a saída foi inverter o olhar. “Você tem muito livro sobre o Brasil na Segunda Guerra e eu não li quase nada sobre a Segunda Guerra no Brasil”.

A reação da cidade e de seus cidadãos en-

tre 1935 e 1945 foi o tema da conversa com a historiadora e escritora Isabel Lustosa, sócia-titular do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), em um dos pavilhões da Bienal.

O jornalista afirmou ter passado as noites dos últimos seis anos debruçado nas fontes, boa parte delas livros e edições de jornais da época, além de incontáveis entrevistas. “Os meus livros quase sempre nascem de uma investigação: me pergunto por que tal fato aconteceu e por que ninguém deu ou dá importân-

cia a isso.”

Entre as fontes escritas consultadas estão livros de militares brasileiros da época. Para o autor, contudo, “Trincheira Tropical” se trata de um “livro civil”.

“Queria saber como era a vida cotidiana do carioca sendo afetado pelo racionamento, pelo exercícios de simulação de ataques aéreos, tendo que correr para dentro de um túnel ou para debaixo de um prédio com pilotis.”

Castro foi municiado por livros que vieram de sebos todo o Brasil, numa estratégia



Bienal do Livro/Divulgação

Ruy Castro resgata em seu livro uma história nunca antes contada

que envolveu a livraria Mar de Histórias, em Copacabana, responsável por encomendar as obras pela internet.

“Gastei uma fortuna com livros. Não sei se vou recuperar com a venda desse”, brincou.

Lustosa observou a obstinação de Ruy Castro com as minúcias durante a produção do livro. Foge do óbvio, para ela, a escolha de como contar as histórias de imigrantes que chegaram ao Brasil durante a Segunda Guerra.

“Veio um húngaro, o Dori Kürschner, que se tornou técnico de futebol e introduziu, por exemplo, um novo esquema tático no país. Até a camisa branca do Flamengo, criada para jogos noturnos, foi ele quem inventou. A história de Kürschner já era sabida, mas não da maneira contada no livro.”

Lustosa ressaltou a firmeza de Ruy Castro para tratar do primeiro governo de Getúlio Vargas.

“Nos anos 1950 nasceu um outro Getúlio, que morreu como vítima de uma conspiração monumental. É como se, de repente, o Médiç tivesse voltado como presidente constitucional nos anos 1980 e feito coisas formidáveis. Apagaram o passado do Getúlio”, afirma.

“Narro como Getúlio usou os integralistas para destruir os comunistas. Depois ele próprio destruiu os integralistas.”

## O QUE ROLA NA BIENAL, quinta-feira, 19

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



### Legado machadiano

Gigante da literatura brasileira, Machado de Assis é o ponto de partida para uma conversa sobre o Brasil de ontem e de hoje em mesa-redonda no Café Literário Pólen. Às 16h desta quinta-feira (19), os escritores Eliana Alves Cruz, Geovani Martins (foto), Lorrane Fortunato e o jornalista Tiago Rogero discutem como a obra do autor ecoa nas narrativas contemporâneas, em temas como desigualdade, identidade e memória. A mediação é do ator, diretor e escritor Lázaro Ramos, e a mesa propõe um diálogo entre heranças literárias e urgências atuais.

### Geração potente

No Palco Apoteose Shell, às 17h, a mesa-redonda “Geração Multipotente” reúne nesta quinta-feira (17) jovens autores que transitam entre diferentes linguagens. Participam do encontro Tiago Valente (autor e criador de conteúdo), Triz Parizotto (atriz e ilustradora), Luca Guadagnini (foto, autor e influenciador) e Isabella Mezzadri (astróloga e escritora). Eles conversam sobre identidade, criatividade e formas híbridas de narrar suas histórias. A mediação será feita pela comunicadora Larissa Lair.

Divulgação



Divulgação



### Narrativas resistentes

Às 14h desta quinta-feira (17), no Café Literário Pólen, quatro mulheres com algo a dizer - Conceição Evaristo (escritora, professora e pesquisadora), Teresa Cárdenas (foto, escritora, contadora de histórias e assistente social) e Zukiswa Wanner (escritora, editora e promotora da literatura africana e feminina) - compartilham no painel Memórias e Resistência experiências de seus países (Brasil, Cuba e África do Sul) em uma conversa que tem tudo para ser cativante sobre literatura, memória e resistência. A mediação é da jornalista Yasmin Santos.

# Pastrami:

onde encontrar o melhor do corte defumado no Rio

Divulgação



BALCÃO 201

De sanduíches clássicos a releituras criativas, veja onde saborear o pastrami em versões irresistíveis pela cidade

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants\_to\_love)** Especial para o Correio da Manhã

O pastrami, tradicional corte de carne curada e defumada, com origem na culinária judaico-americana e popularizada no Texas, conquistou de vez os cariocas. Pela cidade, não faltam endereços que apostam nesse ingrediente cheio de personalidade para compor sanduíches suculentos, croquetes e pratos autorais. Para quem quer explorar o sabor do pastrami em diferentes estilos, a cidade está cheia de boas opções. Confira:

Divulgação



BISTRÔ GLÓRIA

**BALCÃO 201** – No novo bistrô bar do premiado chef João Paulo Frankenfeld há diversas opções de aperitivos com pastrami. Entre as opções estão: o croquete de pastrami com mostarda 201 (R\$ 39 - 2 unid), as porções de pastrami defumado com mostarda 201 (R\$ 48), além do sanduíche de Pastrami defumado com mostarda, picles de cebola roxa e alface crespa (R\$ 68). Rua Dias Ferreira, 113 – Leblon.

**BISTRÔ GLÓRIA** – No recém-aberto restaurante, em Ipanema, com cozinha comandada pelo chef Ignácio Peixoto, é possível encontrar duas opções de pratos com pastrami: o Sandwich au Pastrami (R\$ 56) servido no pão pretzalej, recheado com pastrami, aioli de Dijon, picles de cebola roxa e alface baby e o Pastrami de Bouef Angus (R\$ 188), corte bovino curado, defumado e braseado lentamente com especiarias e molho demi glace e acompanhado de purê de baroa. Rua Barão da Torre, 340 – Ipanema.

Tomás Vélez/Divulgação



LOW FIRE SMOKEHOUSE

Alexander Landau/Divulgação



DIANNA BAKERY

Divulgação



MAYA CAFÉ

Divulgação



THE CURADORIA

**DIANNA BAKERY** – A casa oferece em seu cardápio o sanduíche chamado “A Di Só Pede Esse” (R\$ 38). Ele é preparado na ciabatta, com pastrami, picles pepino feito na casa, mostarda e folhas. Rua Dona Delfina, 14 – Tijuca. Tel: (21) 3129-7006.

**LOW FIRE SMOKEHOUSE** – A steakhouse no Centro, que tem inspiração nas casas texanas de american barbecue não podia deixar de ter em seu cardápio o tradicional Sanduíche de Pastrami (R\$ 49,90 - 300g). Rua da Alfândega, 7, Piso 1 – Centro. Tel: (21) 2283-4095.

**MAYA CAFÉ** – O café, em Laranjeiras, é conhecido pelo famoso sanduíche de pastrami (R\$ 59). O segredo está no preparo artesanal da carne, que é feita com especiarias selecionadas e um processo de cura, para garantir sabor e maciez. Ele é servido no pão ciabata 8 grãos com o molho secreto da casa. Rua Prof. Ortiz Monteiro, 15 B – Laranjeiras. Tel: (21) 98895-9280.

**THE CURADORIA** – O chef Diogo Teixeira é o responsável pela criação do King Katz Pastrami (R\$ 65). Um super sanduíche servido no pão de fermentação natural, com 240g de pastrami feito na casa, queijo meio cura e mostarda. Vogue Square Life Experience - Av. das Américas, 8585 128 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 99065-9359.



**PREPARE A  
CAMISA XADREZ  
E VENHA CURTIR  
O MAIOR  
CIRCUITO DE FESTAS  
JUNINAS DO RJ.**



São mais de 35 festas espalhadas por várias cidades para você aproveitar com toda a família.

- Brincadeiras tradicionais
- Decoração temática
- Comidas típicas
- Quadrilhas juninas
- Oficinas temáticas
- E muito mais

**AQUI, A TRADIÇÃO ENCONTRA + DIVERSÃO.**



até **27** de JULHO



Confira a programação e garanta o seu ingresso nas nossas unidades:



Ingressos a partir de R\$ 6

[sescrj.org.br](http://sescrj.org.br)



sescrj



portalsescrj



sescrj





## No país da piada pronta

Capas emblemáticas não são novidade e sempre atraíram a atenção do leitor. Nos anos 1960 e 1970 “A Notícia” apresentava ‘manchetões’ de aglomerar gente junto às bancas de jornal – sim, meu caro leitor, havia 17 jornais no Rio nos nestes anos, que eram expostos nas laterais das bancas para uma, digamos, degustação. O que vendia era a manchete. “Morto nu com bilhete no bolso” – que foi encontrado nas roupas ao lado do cadáver, “Choveu cavalo no Méier”, de um animal que ao cair de uma ribanceira, atravessou o telhado de uma residência. Coisa fina.

Em São Paulo, “Notícias Populares”, jornal criado em 1963, indo até 2001, abusava da criatividade: “Mulher dá luz a uma tartaruga”, “Bebê atômico assombra São Paulo”, “Quem tem Ku-ait tem medo” – assim, dessa forma, com as sílabas separadas em duas linhas ou ain-

da, aquelas politicamente incorretas: “Bicha põe rosquinha no seguro”. Histórias completamente sensacionalistas que vendiam muito. Tudo beirava o absurdo, passando, é claro, pelo surrealismo. Houve uma história do “Bebê Diabo” que rendeu umas oito edições seguidas. Uma das vezes em que o MP tentou lacrar o periódico, como se fazia com as revistas de cunho sexual, não pestanejaram: “NP: só lê quem quer” em letras gigantescas que ocuparam, praticamente, toda primeira página.

A história da piada pronta virou livro; “No país da piada pronta”. Lançado em 2007 por José Simão, com prefácio de Matinas Suzuki Jr. Simão, seja na Folha de S. Paulo ou na Band News, destaca, invariavelmente, notícias que, por si só, já são a própria piada. A matéria-prima é abundante. “Raquel Dodge é alvo de ação por vaga de garagem”, “Temer nomeia Moreira Franco para Ministro da Energia”. O apelido dele? Gato Angorá – tem gato na energia! Outras vêm: “Com passaporte apreendido, Ro-

naldinho Gaúcho é embaixador do turismo brasileiro”, ‘nomeado’ pela Embratur. “Vasco fecha patrocínio com a marca Help!”, “Mulher esconde droga na genitália para entrar na cadeia de Ponta Grossa”, “Ex-secretário da educação é preso por tráfico de drogas em porta de escola”, “Prefeito de Não-Me-Toque é investigado por assédio sexual”, “Polícia apreende 700 kg de maconha na cidade de chapadão do céu”. As fontes são inesgotáveis, e até parecem fictícias. Não são.

A melhor dentre todas as piadas prontas: Dia Mundial da Tartaruga, 23 de maio é, também, o dia de nascimento de Rubens Gonçalves Barrichello. O Dia Internacional da Piada é celebrado a cada primeiro de julho pelo mundo. Por cá, comemoramos todos os dias.

No Brasil, a piada já vem pronta e embrulhada para presente.

# Há vagas para bailarinos

Companhia de dança realiza audições para integrar Corpo de Baile do DF

Por Mayariane Castro

A Companhia Bailarinos de Brasília realizou audições neste último final de semana para selecionar novos integrantes para integrar a companhia. A seleção foi voltada a bailarinos clássicos profissionais com idade mínima de 18 anos e foi realizada no Centro de Dança do Distrito Federal, localizado no Setor de Autarquias Norte, ao lado do Teatro Nacional Cláudio Santoro.

A iniciativa é promovida pelo Instituto SuperArte em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal. O objetivo é integrar novos profissionais à companhia, que tem realizado apresentações



Felipe Fontinele

**Bailarinos selecionados para o Corpo de Baile receberão R\$ 3 mil mensais**

em espaços culturais da capital, como a Sala Martins Penna do Teatro Nacional e o Complexo Cultural de Planaltina.

Durante a audição, os candidatos participaram de uma programação técnica dividida em etapas. A primeira parte con-

sistiu em uma aula completa de ballet clássico ministrada por um dos diretores da companhia. Em seguida, houve aula de téc-

nica de sapatilhas de ponta, voltado para meninas, e variações de repertório clássico. A última parte consistiu em uma aula de dança contemporânea ministrada por Renato Fernandes, nome conhecido no meio da dança do Distrito Federal.

Os bailarinos selecionados passarão a integrar a rotina profissional da companhia, com treinos regulares de segunda a sábado, das 9h às 16h30. A remuneração oferecida é de R\$ 3 mil mensais. O projeto tem como foco principal a formação técnica continuada e a inserção de profissionais no mercado artístico por meio da atuação em espetáculos, ensaios e ações culturais promovidas pela Companhia Bailarinos de Brasília.

## Cena da dança mais fortalecida

Estratégia visa espaços para dançarinos jovens e experientes

A proposta faz parte de um esforço conjunto para fortalecer a cena da dança no Distrito Federal, oferecendo condições estruturadas de trabalho para artistas da área. A parceria entre o Instituto SuperArte e a Secretaria de Cultura busca promover oportunidades de profissionalização por meio de processos seletivos transparentes e remuneração fixa.

A Companhia Bailarinos de Brasília tem realizado apresentações em diversos

espaços culturais da capital, com foco em repertórios de ballet clássico e dança contemporânea. As audições são voltadas a bailarinos com formação avançada nas técnicas exigidas e disponibilidade para integrar o cronograma de ensaios e apresentações.

Não houve cobrança de taxa para participação na audição, e os interessados apenas compareceram ao local no horário previsto, com a vestimenta adequada para as aulas práticas. Não foi



Felipe Fontinele

**Companhia promete repertório variado**

necessário enviar material prévio para seleção, como currículo ou portfólio, embora a companhia possa solicitar dados adicionais após a primeira etapa, caso o candidato avance no processo.

### Novos ares

A Companhia tem buscado ampliar sua atuação e visibilidade na cena cultural do Distrito

Federal, com foco em espetáculos voltados ao público em geral e atividades de formação artística. O trabalho dos bailarinos inclui preparação técnica diária, montagem de coreografias e participação em ações culturais voltadas à comunidade.

Além da formação técnica, a proposta visa criar uma estrutura de inserção profissional

para bailarinos que já possuem experiência em grupos, escolas ou companhias e que buscam vínculo estável com remuneração mensal e rotina de ensaios sistemática. A seleção é aberta a candidatos de todo o Distrito Federal e entorno, desde que possam atender à carga horária exigida pela Companhia.

### Repertório variado

A Companhia Bailarinos de Brasília atua com repertórios variados, incluindo remontagens de obras clássicas e criações autorais contemporâneas, como o espetáculo "Bençãos por debaixo dos chapéus". As apresentações contam com produção executiva profissional e têm circulado em teatros públicos e centros culturais.

A expectativa é que os novos integrantes selecionados em junho passem a atuar em próximas montagens e projetos agendados para o segundo semestre de 2025.

**TEATRO****Espectáculo Ensaio Aberto**

\*O espetáculo “Ensaio Aberto”, da BR S.A. – Coletivo de Artistas, será apresentado de 20 a 22 de junho no Espaço Pé Direito, na Vila Telebrasília. A trama acompanha duas atrizes ensaiando uma peça quando uma delas recebe a notícia da morte do pai, vítima de um vírus ligado à perda de esperança. A montagem reflete sobre luto, amor, resistência e o papel transformador do teatro. Entrada gratuita, com ingressos no Sympla.

**TV Colosso o Musical**

\*Clássico da TV Globo, a TV Colosso ganha versão musical e chega a Brasília após sucesso em SP e RJ. “TV Colosso – O Musical”, dirigido por Luiz Ferré, criador dos personagens, tem roteiros de Adão Iturrusgarai e André Catarinacho. As sessões ocorrem nos dias 21 e 22 de junho no Teatro UNIP, sábado às 15h e 17h, e domingo às 15h (com acessibilidade) e 17h30. A peça celebra a magia dos anos 90 e promete emocionar fãs de todas as gerações. Ingressos a partir de R\$ 15,00.

**Espectáculo “Chá com Mel”**

\*Com acrobacias aéreas e sons de aeroporto, “Chá com Mel”, da Cia. Ponto Alto, faz duas sessões no Teatro Newton Rossi (Sesc Ceilândia), dias 21/6 às 19h e 22/6 às 18h. Inspirado em viagem à Turquia, o espetáculo celebra a diversidade cultural com humor e lirismo. Classificação livre, ingressos no Sympla, com 15% das vagas gratuitas para estudantes de escolas públicas. Realização: SESC+Cultura.

**SHOW****Vinícius Vianna**

\*O projeto “Violão do Vianna Convida”, do músico Vinícius Vianna, leva Choro e Samba a regiões do DF com 10 shows gratuitos e oficinas de violão e pandeiro. As apresentações ocorrem em locais públicos, como feiras e bibliotecas, com músicos convidados da cena local. A estreia será dia 21/6, às 11h, na Feira do Guará.

**Alberto Salgado**

\*O projeto Raízes Musicais valoriza artistas com longa trajetória em Brasília e estreia dia 4/7, às 20h, no Teatro



*Espectáculo Ensaio Aberto chega ao Espaço Pé Direito na sexta (20)*

# Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



*“TV COLOSSO, O MUSICAL”, no Teatro UNIP*

dos Bancários, com Alberto Salgado. Idealizado por Rênio Quintas, o projeto terá shows mensais até dezembro, com nomes como Célia Porto, GOG, Pé de Cerrado, Marcelo Café e Flor Furacão. Ingressos: R\$ 40 (inteira) e R\$ 20 (meia solidária), à venda no Sympla. A proposta celebra a arte local e promove conexão com a música autoral de qualidade.

**Tributo a Pink Floyd**

\*No dia 27 de junho, às 20h, o Teatro POUPEX recebe o show “Pink Floyd – Uma viagem aos clássicos”, com a banda Pink Five. O espetáculo traz sucessos como Wish You Were Here, com projeções imersivas e arranjos. Após o show, o público poderá curtir música e gastronomia na praça da POUPEX. Ingressos no Sympla. Classificação: 12 anos.

Roberto P. Zylberman



**Tributo a Pink Floyd no Distrito Federal**

Divulgação



**CasaPark sedia 4ª edição do Coffee Brasília**

Divulgação



**Alberto Salgado em show**

**FESTIVAL**

**Festival Curicaca**

✦ Nos dias 27 e 28 de junho, o Festival Curicaca realiza sua 2ª edição em São Sebastião com o tema “Cidades que Cuidam: Infraestrutura e Inovação”. A programação inclui palestras, hackathon, oficinas e atrações para toda a família, como arena gamer, espaço infantil, feira e shows. O evento é gratuito e acontece no IFB São Sebastião. Classificação livre.

**Festival de Inverno**

✦ O Iate Clube de Brasília recebe o Festival de Inverno do Cadê Chiquita, com shows acústicos à beira do lago às quintas, de 19 de junho a 31 de julho. A estreia traz Marquinho Vital, Rafa Monte

Divulgação



**Pintores do Espaço das Artes do Liberty Mall**

Anderson Matta



**Feira da Música Independente Internacional**

**PROJETO**

**Feira da Música Independente**

✦ Após 17 anos, a 4ª Feira da Música Independente de Brasília (FMI) reafirma seu compromisso com pluralidade e inovação, reunindo artistas, produtores, selos e público em intensa programação musical, palestras e feira de negócios. Gratuito, o evento ocorre no Museu de Arte de Brasília e Museu Vivo da Memória Candanga, promovendo conexões entre mercados ibero-americanos e africanos. A FMI celebra a diversidade e o mercado independente, oferecendo debates sobre políticas públicas, tecnologia e estratégias digitais, fortalecendo a cadeia produtiva musical.

**8º Prêmio Profissionais da Música**

✦ Brasília recebe de 26 a 29 de junho o 8º Prêmio Profissionais da Música (PPM), com produção da GRV Música. O evento reúne a 4ª Feira da Música Independente (FMI) e o lançamento da Academia dos Profissionais da Música (APM) no Museu de Arte de Brasília, com atrações abertas ao público. O PPM valoriza todos os profissionais do setor, homenageando grandes nomes da música brasileira, e fortalece conexões internacionais com países lusófonos e ibero-americanos.

**Concurso arquitetônico**

✦ A Secec-DF lançou o Edital nº 16/2025 para concurso nacional de arquitetura do Memorial da Democracia, a ser construído no Plano Piloto. O projeto valoriza a memória da redemocratização e cidadania. Inscrições gratuitas, de 16/07 a 09/10, serão feitas online no site da Secec-DF. Premiações: R\$ 300 mil, R\$ 120 mil e R\$ 80 mil para 1º, 2º e 3º lugares, respectivamente.

**EXPOSIÇÃO**

**Pintores do espaço**

✦ Pintores do Espaço das Artes, projeto cultural do Liberty Mall, foram selecionados para o “Salão Riachuelo”, que abre em 17 de junho na Casa Thomas Jefferson, em Brasília. A mostra, em sua 45ª edição, reúne artistas da capital e outras regiões. A escola de pintura do shopping, coordenada por Melchi Rodrigues, desafiou seus alunos a criarem obras exclusivas para o evento. Glória Moura conquistou o 2º lugar na categoria Marinha, fortalecendo o compromisso do Liberty Mall com a cultura.

Rosa, Renato Azambuja, Thiago Nascimento e Gláucia Lisboa. O evento une música local, gastronomia e vista para o Lago Paranoá. Entrada gratuita para sócios; R\$ 40 para não-sócios. Info: (61) 99673-1864.

**Coffee Brasília**

✦ De 19 a 22 de junho, o Shopping Casapark recebe a 4ª edição do Coffee Brasília, o maior evento de café do Centro-Oeste. Com entrada gratuita, o festival reúne produtores, baristas e especialistas em palestras, oficinas, competições como Taça Barista e TNT Latte Art, e experiências sensoriais. Destaque para parceria com Senac-DF e participação da Elo Rural, que valoriza a agricultura familiar e o café agroecológico do Distrito Federal.

# Horas de arte no Gama

Festival Bailes da Saudade reúne música, performance e cultura popular

Por Mayariane Castro

No domingo (22), das 12h às 22h, a Praça Lourival Bandeira, no Gama, conhecida por abrigar o antigo Cine Itapuã, receberá o evento Bailes da Saudade. Com entrada gratuita, o festival reunirá atrações locais em uma programação de dez horas de música, performances e manifestações culturais, com o objetivo de valorizar a memória e a produção artística da cidade.

A iniciativa é organizada pelo produtor cultural e DJ Fábio Jorge e busca promover uma ocupação cultural do espaço público.

Cine Itapuã

O local escolhido para a realização do evento, o Cine Itapuã, possui relevância histórica para a região e, segundo os organizados,

foi palco de atividades culturais importantes ao longo das últimas décadas. A proposta do festival é promover a reocupação simbólica desse espaço por meio da arte, da cultura e da presença comunitária.

Entre as atrações confirmadas estão artistas com trajetória no Gama e no Distrito Federal, como Mandi & Lais, Cia. Pilombetagem e o próprio Fábio Jorge.

A programação também inclui performances de Wash, Coco de Quebrada, Andyva Divã, Fufy dySirius e Afrobixas. Além das apresentações musicais e cênicas, o evento contará com cortejos, feira de experiências e intervenções artísticas.

A programação terá início ao meio-dia com a apresentação da Cia. Pilombetagem.



Divulgação

Cia. Pilombetagem será uma das atrações

## Resgate da importância cultural

Comunidade batalha pela recuperação do seu cinema

A programação também inclui performances de Wash, Coco de Quebrada, Andyva Divã, Fufy dySirius e Afrobixas. Além das apresentações musicais e cênicas, o evento contará com cortejos, feira de experiências e intervenções artísticas.

A programação terá início ao meio-dia com a apresentação da Cia. Pilombetagem. Em seguida, sobem ao palco, na ordem, os artistas Wash (13h), Coco de Quebrada (14h), Andyva Divã (15h), Fufy dySirius (16h),

Mandi & Lais (17h) e Afrobixas (18h). Às 19h, Fábio Jorge assume o palco com a apresentação intitulada “Bailes da Saudade”.

### Periferia em cena

Além dos artistas locais, o festival contará com a participação de integrantes da Festa Bailes Dionisíacos, evento que marcou época no cenário cultural da cidade. DJs e performers ligados à festa estarão presentes com sets e intervenções artísticas distribuídas ao longo da programação,



CLDF

O icônico Cine Itapuã clama há anos por uma reforma

com a proposta de promover a diversidade e a liberdade de expressão.

O evento também propõe uma experiência sensorial ao público, com elementos visuais, sonoros e performáticos que ocuparão o entorno do Cine Itapuã. A proposta é transformar a praça em um espaço de convivência e celebração da cultura popular,

reunindo moradores da região e visitantes em um ambiente voltado para a valorização das expressões artísticas locais.

De acordo com os organizadores, o evento busca fortalecer os laços entre o espaço urbano e a comunidade artística da cidade. A escolha do local e a composição do line-up priorizam nomes que desenvolvem atividades

culturais no Gama ou que possuem ligação com o território. A programação foi desenhada com foco em artistas independentes, coletivos e grupos que atuam na interseção entre arte, identidade e vivência comunitária.

### Memória cultural

O Bailes da Saudade tem como um de seus objetivos promover uma ação de memória cultural. Segundo Fábio Jorge, a realização do festival busca resgatar o papel simbólico do Cine Itapuã como espaço de encontro e criação. O local foi palco de sessões de cinema, eventos culturais e manifestações artísticas nas décadas passadas. Com o festival, a intenção é reativar esse potencial como ponto de encontro da produção cultural local.

A iniciativa também se insere em um contexto mais amplo de ocupações culturais em espaços públicos da periferia do Distrito Federal.

DF recebe turnê  
"TV COLOSSO, O  
MUSICAL"

PÁGINAS 8 E 9



Bailes da Saudade  
com 10 horas de  
música e arte

PÁGINA 15



Audições locais  
para bailarinos  
profissionais

PÁGINA 14



## 2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Por Affonso Nunes

**A** música brasileira ganha uma nova perspectiva sobre o universo criativo de Egberto Gismonti através do olhar íntimo de sua filha, a pianista Bianca Gismonti. O álbum "Gismonti 70", que chega ao público após uma gestação de nove anos, representa mais que uma simples homenagem filial – é um diálogo geracional que revela camadas inéditas da obra do compositor. O projeto nasceu em 2017, quando Egberto completou 70 anos, e Bianca decidiu que a maior homenagem seria interpretar as composições paternas, transformando memórias pessoais em música.

"Ser filha de Egberto é receber uma dádiva das energias celestiais. Ser tão próxima dele significa regar esta dádiva a cada dia. Seguir escrevendo a história sonora da família Gismonti nos faz acreditar que o cultivo determina que a raiz e as folhas estejam conversando e florescendo em eternidade. A música do meu pai segue representando a minha certidão de nascimento", comenta Bianca.

O disco, gravado em Budapeste em 2018, enfrentou os percalços da pandemia que adiarão sua finalização até 2024. Durante esse período, Bianca amadureceu sua visão sobre o repertório paterno, desenvolvendo arranjos que respeitam a essência das composições originais mas imprimem sua personalidade artística. Clássicos como "Palhaço", "Lôro" e "Maracatú" ganham nova roupagem através do piano, voz e da formação em trio.

O Bianca Gismonti Trio, completado pelo baixista Bruno Repsold e pelo baterista Julio Falavigna, traz uma abordagem jazzística ao repertório. Falavigna, que cresceu tendo Egberto e Hermeto Pascoal como referências criativas, representa uma geração de músicos instrumentais brasileiros que encontrou na obra gismontiana um caminho para a experi-



Bianca Gismonti celebra a obra do pai em novo álbum: 'Ser filha de Egberto é receber uma dádiva das energias celestiais. Ser tão próxima dele significa regar esta dádiva a cada dia'

# GISMONTI POR GISMONTI

Bianca Gismonti faz o show de lançamento de 'Gismonti 70', álbum que traz um novo olhar para a obra de seu pai

mentação. Essa confluência geracional – pai, filha e músicos contemporâneos – cria um ambiente sonoro que dialoga com diferentes momentos da música instrumental brasileira.

A trajetória do álbum espelha as transformações do mercado fonográfico contemporâneo. Lançado pela gravadora húngara Hunnia Records, "Gismonti 70" exemplifica como

projetos autorais encontram caminhos alternativos de produção e distribuição. A versão física, disponível a partir de junho de 2025, convive com o lançamento digital, atendendo tanto ao público colecionador quanto aos novos hábitos de consumo musical.

O show de lançamento amplia o espectro sonoro do trio. Jane Duboc empresta sua

voz experiente ao repertório, enquanto Frank Colón adiciona texturas percussivas.

### SERVIÇO

**BIANCA GISMONTI - GISMONTI 70**

Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)  
22/6, às 19h